



ST17. MUNDOS DO TRABALHO CONDIÇÕES DE TRABALHO E RESISTÊNCIAS DOS TRABALHADORES

1138

A CRÔNICA DE UM DIA COM MUITAS HISTÓRIAS: ARTISTAS, OPERÁRIOS MECÂNICOS E LIBERAIS COMEMORANDO O PRIMEIRO DE MAIO NA PARAÍBA, NOS ANOS DE 1913 A 1920¹

Márcio Tiago Aprígio de Figueirêdo²

Resumo: Realizaremos neste texto uma análise sobre uma data-simbólica que faz parte da história de reivindicações trabalhistas de milhares de homens e mulheres e pode ser considerado o mais ambicioso dos rituais da classe operária: O Primeiro de Maio. No processo do fazer-se da classe o estabelecimento de uma data precisa de protesto inventou uma tradição de atos públicos, construída a partir de práticas repetidas anualmente, tendo essa percepção, focalizaremos o rito do Primeiro de Maio na Paraíba durante a década de 1910, onde será preponderante perceber como a Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais realizavam as comemorações desta data.

Palavras-chave: Primeiro de Maio. Classe Operária. Práticas.

Vem ó mez do esplendor e da poesia
Engrinaldar as arvores frondosas!
Já a madrugada fulva te anuncia
Na aleluia das aves e das rosas!

Quando a natureza, efêmero, despósas
Não vês que a aurora violácea e fria
Te beija enquanto brigas voluptuosas
Passam a entoar-te hymnarios de alegria!

Vem ó núncio de Chlórís e de Céres
Reviver as miragens que idealizou!
Tu que a Iyra de Orpheu, pelo ar, desferes

No gorgueio dos pássaros voadores,

¹ Este artigo constitui uma exposição de parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) na Universidade Estadual da Paraíba, **O Primeiro de Maio na Paraíba (1913-1930)**, orientado por Tiago Bernardon de Oliveira.

² Mestrando em história pela Universidade Federal da Paraíba.

E's o mez da ilusão, pois teu sorriso
E' o sorriso das virgesns e das flores!

Eudes Barros³

O Primeiro de Maio se configura como o principal rito da classe operária em âmbito internacional. Segundo Hobsbawm (2000) essa data-simbólica, talvez, seja a mais ambiciosa dos rituais do operariado, por ser uma festa anual internacional, apresentada publicamente de forma regular, que afirma o poder de invasão do operariado no espaço social do sistema, sendo assim, uma conquista simbólica⁴. Todo grupo social organizado politicamente ou não, inventa tradições que constrói práticas sociais e culturais de legitimidade de seu poder.

O Primeiro de Maio faz parte do processo ativo do fazer-se da classe operária, sendo o ritual de afirmação anual das reivindicações, constituindo mais uma ação no processo de luta por melhores condições de vida e composição da experiência da classe trabalhadora. Como data-símbolo de luta anual da classe operária de todo mundo, foi promulgada oficialmente em 1889 na reunião da II Internacional Socialista, tornando-se aplicável a partir do dia 1º de maio de 1890, compondo mais um elemento da formação da classe operária⁵.

A data de união internacional da classe operária estabelecido para o 1º de maio de 1890 se tornou no período da Primeira República no Brasil, o dia-símbolo mais importante do movimento operário⁶. Por ser o rito de maior expressão dos operários foi comemorado em diversas partes do território brasileiro⁷, sendo disputada por várias correntes ideológica do movimento operário, pela Igreja Católica e pelo Estado, com sua política de (re)significação da data.

Na Paraíba, o Primeiro de Maio se configurou como uma das principais experiências do processo de fazer-se da classe operária. As comemorações da data no decorrer dos anos de 1913 a 1920 foram organizada primordialmente pela Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais (SAOML)⁸. A cada ano, a data se solidificava

³ O soneto cujo título é O Primeiro de Maio foi extraído do jornal **A União** 01 de maio de 1924.

⁴ HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho: Novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e terra, p. 111, 2000.

⁵ Acerca da história do Primeiro de Maio, ver: DEL ROIO, José Luiz. **A história de um dia – 1º de maio**. São Paulo: Ícone, 1998. PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁶ ARÊAS. Luciana Barbosa. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). **Revista História Social**. Nº 4/5. São Paulo, 1997-1998. p. 9-28.

⁷ Sobre o Primeiro de Maio no Brasil, ver os trabalhos de: ARÊAS. Luciana Barbosa. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). **Revista História Social**. Nº 4/5. São Paulo, 1997-1998. p. 9-28. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Nós, filhos da Revolução Francesa”, a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX. **Revista Brasileira de História**. V.10, Nº 20, p. 233-249. São Paulo, 1991. BILHÃO, Isabel. Dia do trabalho ou do trabalhador? Disputas e transformações do Primeiro de Maio ao longo dos anos 1920. In: **I Seminário Internacional Mundos do Trabalho: Histórias do Trabalho no Sul Global**, 2010, Florianópolis. LINS. Lindercy Francisco Tomé de Souza. **Um dia, muitas Histórias... Trajetória e concepções do Primeiro de Maio em Fortaleza da Primeira República ao Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Origens do 1º de Maio no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1981.

na tradição operária paraibana e não há um ano sequer entre 1913 e 1920 que a SAOML não tenha realizado o evento, sem contar do empreendimento das classes dominante e do Estado de (re)apropriação do significado da data, construindo uma perspectiva de festa-cívica no calendário político da Paraíba.

Tradicionalmente na véspera do Primeiro de Maio a Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais, noticiava para a sociedade paraibana através da imprensa como celebraria publicamente a data e convidava toda a sociedade a participar das manifestações, esperando com essa prática que o maior número de pessoas comparecessem ao evento, principalmente para escutar as palavras dos oradores a respeito da classe operária paraibana. Em geral os oradores eram sujeitos ligados à classe dominante coadunado ao governo do estado, mas também era presença certa os representantes da classe operária e o orador oficial da SAOML. O evento frequentemente começava e encerrava-se na sede da SAOML, a programação era vasta, iniciava nas primeiras horas do dia com o ato de hastear a bandeira, tocar o hino da SAOML, com queima de fogos, seguida por salva de tiros, na frente da sede, acordando a sociedade paraibana para o festejo da data. A cerimônia transcorria no decorrer de todo o dia, encerrava-se com uma sessão na sede da sociedade, que estava completamente ornamentada e que contava, nas últimas horas, com um grupo de senhoras cantando o hino do trabalho com a presença da banda da própria SAOML. Por último, bebidas alcoólicas eram servidas a todos os presentes⁹. Podemos ver todos esses elementos na comemoração organizada pela SAOML em 1913, que enviou uma comissão ao jornal *A União*, para publicar o seguinte programa:

“A data 1º de Maio, consagrada á comemoração universal do trabalho, vae ser aqui brilhantemente festejada. Hontem, uma commissão [...] da Sociedade Artistas, Operários, Mechanicos e Liberaes, com sede nesta capital esteve, a hora do expediente presidencial, no Lyceo Parahybano, convidando o sr. dr. Castro Pinto para assistir a uma sessão solenemente que se realizará em comemoração á grande data operaria. O exmo. sr. Presidente do Estado, declarou que, em attenção ao bello movimento que actualmente se agita neste Estado entre as classes operárias, representadas naquella sociedade, ia feriar por um decreto o dia 1º de Maio, no Estado, mandando hastear a bandeira da Parahyba e illuminar á noite as fachadas dos edificios estaduaes. [...] Logo ás 5 horas da manhã a musica da sociedade tocará no hasteamento do pavilhão social, havendo nessa occasião uma salva de 21 tiros. A sessão cívica realizar-se-á ás 7 horas da noite, na sede da sociedade acima referida, sendo o orador official da festa o sr. Minervino Feitosa, usando da palavra outros oradores que previamente se inscreverem [...] Após a sessão será cantado por gentis senhoritas o hymno 1º de Maio, escrito pelo inteligente artista Alberto de Britto e musicado pelo conhecido maestro Camilo Riebiro, com

⁹ FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. **O Primeiro de Maio na Paraíba (1913-1930)**. Guarabira: Trabalho de Conclusão de Curso em História/UEPB, 2011, p. 64.

acompanhamento da banda musical da sociedade. A sociedade estará decorada a capricho internamente e externamente”¹⁰.

A composição da notícia, acerca da cerimônia expressa o caráter de conciliação que a comemoração tomava entre a classe operária e o poder público. A Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais teve a preocupação em enviar uma comissão ao governador do estado para convidá-lo a fazer-se presente no evento. Chama a atenção à ação do governador em divulgar não apenas para a classe laboriosa, mas para toda sociedade paraibana que iria tornar o dia 1º de Maio feriado estadual. A ideia do poder público de construir uma lógica de festa-cívica para a data com a promulgação de um decreto para torná-la feriado foi executado através do decreto nº 635 de 28 de abril de 1913¹¹, ou seja, no mesmo dia em que o governador recebeu a comissão da SAOML. Este esforço de apropriação do governo paraibano tinha o nítido caráter de consagrar o Primeiro de Maio como dia de “festa do trabalho” e conciliação das classes, onde as comemorações não seriam mais uma paralisação, e sim, uma festa-cívica, que receberia o auxílio do governo.

Vale ressaltar que o Estado em todas as comemorações esforçou-se em construir o significado de “festa do trabalho”, ligado a uma noção de trabalho virtuoso que a classe operária deveria executar dentro da sociedade paraibana e o decreto que tornava feriado o dia 1º de maio em todas as repartições públicas e privadas do estado tomava como exemplo a execução de apropriação do presidente da República Hermes da Fonseca, que decretou em 1912, que o dia passaria a ser considerado ponto facultativo nas repartições públicas, a princípio apenas nas municipais e, posteriormente, também nas federais¹².

As orientações não ficavam restritas apenas as vésperas do dia 1º de maio. No Primeiro de Maio de 1913, foi noticiado, na primeira página do órgão oficial do governo, o jornal *A União*, uma longa explicação histórica a respeito do significado da ideologia do trabalho e como os festejo do Primeiro de Maio deveria ocorrer no estado¹³. Os oradores que encerraram como previsto a solenidade foram: Alpheu Rosas Martins (Representante do presidente do estado), Antonio Massa (Chefe de polícia do estado), José Bezerra (Prefeito da Capital), Ulysses de Oliveira (Presidente da SAOML e Tipógrafo do jornal O Norte) e Minervino Feitosa (Orador Oficial da SAOML). Dois dias depois das comemorações do Primeiro de Maio ainda circularam entre a sociedade paraibana notícias acerca da sessão comemorativa promovida pela Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos Liberais e que ao seu final o orador oficial Minervino Feitosa em nome da associação ofereceu ao presidente do estado um buquê de flores naturais, do qual foi portador o seu representante Alpheu Rosas Martins¹⁴.

¹⁰ *A União*, João Pessoa, 29 de abril de 1913. Apud: FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. op. cit., p. 64.

¹¹ *A União*, João Pessoa, 01 de maio de 1914. Apud: FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. op. cit., p. 65.

¹² ARÊAS, 1997-1998, p. 16.

¹³ *A União*, João Pessoa, 01 de maio de 1913. Apud: FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. op. cit., p. 65.

¹⁴ *O NORTE*, 03/05/1913, p.1.

As festividades do Primeiro de Maio de 1914 tomaram uma proporção maior que aquelas do ano anterior, o motivo para tal foi que o próprio presidente do estado Castro Pinto esteve presente na sede da Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais discursando sobre o significado da data e do seu empreendimento de tornar feriado estadual em todas as oficinas de trabalho pública e privada. O destaque para esse ano também foi a biblioteca que a SAOML presenteou a sociedade paraibana, foi conferido ao presidente do estado Castro Pinto, a honra de inaugurar e nomear a biblioteca, com o seguinte nome: Cardoso Viera¹⁵.

Dias após as comemorações foi publicado no jornal *A União* uma nota a respeito do discurso do presidente do estado acerca da inauguração da biblioteca. Estas foram as suas palavras:

“[...] o operário já não significa uma atitude desvalorizada: é um homem constitutivo da nossa sociedade. Ele já não vale por um analfabeto: é uma cabeça pensante e que a cada dia vai-se integrando nos seus direitos. A classe vencerá pelo cultivo dos espíritos; o operário deve aprender para ser bom e forte, para ser digno, só assim alcançará o seu triunfo na Parahyba”.¹⁶

Na segunda-feira, um dia após essa publicação do jornal *A União*, foi escrito no jornal *A Imprensa* uma notícia com o seguinte título “A Festa do Trabalho”, tornando público que a Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais tinha realizado com esplendor, no dia 1º de maio, a festa do trabalho para o operariado da capital e que a associação recebeu grande assistência de todas as classes. Foi destacada também a presença do presidente do estado Castro Pinto que, como bom orador, fez ouvir com seu verbo vibrante a sua predileção pela classe operária paraibana¹⁷. Podemos perceber tais notícias como uma estratégia de controle social do mundo do trabalho, onde o governo buscou criar um discurso de que a classe dominante valorizava a classe operária, vendo-os como amigos do capital. A sua educação cívica, permitiria que a sociedade paraibana comemorasse a data com grande festejo, pois era dia de mostrar o comprometimento dos homens livres que estavam se tornando trabalhadores com o progresso e ordem econômica do estado.

As cerimônias da data realizada pela iniciativa da Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais acolitada pelo governo estadual eram anunciadas e assinaladas por uma natureza de festividade cívica. O governo paraibano utilizou como estratégia de controle social a apropriação das diversas faces da vida dos operários paraibanos tendo, como principais dispositivos para obter o resultado desejado, a invenção de uma nova ideologia do trabalho (a ideia de um trabalho virtuoso, submisso ao capital e reconhecedor da hierarquia social), a ressignificação de ritos e símbolos, com especial atenção para o significado que tange ao Primeiro de Maio. De modo conveniente com os padrões sociais existentes na sociedade paraibana, as estratégias adotadas pelo Estado permitiram a execução de ações fiscalizadora sobre a vida da

¹⁵ FIGUEIRÊDO, 2011, p. 68.

¹⁶ *A União*, João Pessoa, 03 maio. 1914. Apud. FIGUEIRÊDO, Márcio Tiago Aprígio de. op. cit, p. 69.

¹⁷ *A IMPRENSA*, 04/05/1914.

classe operária, tendo como finalidade a não ocorrência de padrões secundários as normas estabelecida e desenvolvida oportunamente pela classe dominante.

Diante da experiência do Primeiro de Maio a classe dominante e o Estado buscaram difundir a data como “festa do trabalho”, onde deveria ocorrer em todas as comemorações mesuras entre empregados e empregadores, trabalho e capital em homenagem a produção. No Primeiro de Maio de 1917 uma comissão da Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais foi à tipografia do jornal *A União* noticiar para a sociedade paraibana que festejaria o dia do trabalho, no entanto entre sua declaração foi revelado que a cerimônia não seria realizada com as mesmas programações magnificente de anos anteriores, a solenidade iria se resumir a uma sessão na sede da associação, a prática realizada nessa comemoração foi justificada pelo envolvimento dos membros na Guerra e por alguns se encontrarem doente¹⁸.

Em frente à restrita solenidade do Primeiro de Maio de 1917, deve-se levar em consideração o contexto social em que o Brasil estava mergulhado. A conjuntura nacional estava influenciada pela repercussão da Guerra, que de maneira direta afetava o cotidiano da sociedade brasileira, como no aumento dos preços dos gêneros alimentícios, encarecendo a vida e pela intensa transformação no processo de produção¹⁹. Deste modo, a sociedade brasileira vivenciou uma intensa luta de classes, ou seja, insurgiram inúmeras greves e comícios em todo o país. A Paraíba, não ficou alheia, a estes acontecimentos, segundo Ariosvaldo Diniz (2004) esse foi o período em que ocorreu o maior número de greves no estado.

As greves na Paraíba segundo Antonio Rubim (1983) iniciou-se em particular no mês de junho, com a greve dos operários cigarreiros que trabalhavam na Tabacaria Peixoto, a partir de uma resolução tomada em comum acordo entre os operários e o Sindicato Geral dos Trabalhadores. As razões iniciais do movimento estavam relacionadas à insuficiência salarial, a falta de ventilação nas oficinas, entre outras. Da Tabacaria Peixoto as reivindicações se estenderam as demais fábricas de cigarro e charuto, paralisando quase que por completo a indústria do cigarro. Por tanto, é possível que o clima tenso de greves tenha afetado as comemorações do Primeiro de Maio de 1917²⁰.

Dias depois da solenidade do Primeiro de Maio de 1917, foi noticiado na *A União* que a Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais viam concedendo um grandioso serviço à classe operária paraibana. Chama atenção o destaque que foi dado para ênfase do comparecimento das diversas classes da sociedade no evento, para ouvir os seguintes oradores: Francisco Salles (Operário Tecelão, presidente da SAOML e militante do Sindicato Geral dos trabalhadores), Manuel Aguiar (Orador oficial da SAOML), Orestes de Brito (Representante da Loja Maçônica Regeneração do Norte), Leonel Pinto de Abreu (Representante da Loja Maçônica 7 de Setembro) e por fim Minervino Feitosa (Era 1913, o orador oficial da SAOML). Os oradores proferiram

¹⁸ *A União*, João Pessoa, 01 de maio de 1917. Apud. FIGUEIRÊDO, Márcio Tiago Aprígio de. op. Cit, p. 73.

¹⁹ DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *A maldição do Trabalho*. João Pessoa: Editora Manufatura, 2004.

²⁰ Sobre greves que aconteceram no estado da Paraíba, ver RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Movimentos Sociais e Meio de Comunicação: Paraíba 1917-1921*. João Pessoa, Texto **UFPB/NDIHR**, nº 3, 1983.

palavras relacionadas aos problemas da vida operária paraibana, provavelmente fizeram parte do discurso às questões que rebentaram nas greves, tendo em vista que um dos oradores, ou melhor, o presidente da SAOML também era militante do Sindicato Geral dos Trabalhadores, sendo esse próprio, o SGT, que dirigiu as greves dos operários cigarreiros da Tabacaria Peixoto²¹.

Sobressai-se também entre os oradores a presença de representantes das Lojas Maçônicas: Regeneração do Norte e 7 de Setembro. Provavelmente Orestes de Brito e Leonel Abreu, além de representar as lojas maçônicas, representaram o poder público na cerimônia realizada pela Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais. A presença desses representantes na cerimônia é indício de uma possível relação da associação com a maçonaria. Vale salientar que o conjunto iconográfico do emblema da SAMOL, compunha-se por símbolos comuns à maçonaria, como: nível, colher de mestre de obra, régua, compasso e disposição dos instrumentos em forma triangular²².

A comemoração do Primeiro de Maio de 1918 seguiu a mesma perspectiva de 1917. O evento foi resumido a uma solenidade às 17 horas na sede da Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais²³. Já no Primeiro de Maio de 1919, a programação de evento foi noticiada no dia 30 de abril no jornal *A União*, onde se deu atenção a uma conferência que tinha como temática a questão social da Paraíba, que em termos se resumiria ao mundo do trabalho, tendo em vista, as manifestações que estavam acontecendo no país e na Paraíba, mesmo que em menor proporção,²⁴ o conferencista foi o Antonio Botto (advogado da própria SAOML). Foi também, nesse mesmo ano, colocado na parede da sede um retrato do Deputado Estadual Pedro Ulysses de Carvalho, como gratidão por sua luta em torno da melhoria de vida da classe operária paraibana²⁵.

A Sociedade de Artistas, Operários Mecânicos e Liberais estabeleceu em 1920 um programa para comemorar o Primeiro de Maio que se resumiu a uma solenidade na sede, onde se fez presente a figura do chefe de polícia Manuel Tavares Cavalcanti representante do poder público do estado, como também fizeram-se presente outras associações²⁶. A exposição das ideias proferidas em público pelos oradores do evento tomou como ponto de partida a realização de um paralelo entre as ações que os operários paraibanos deveriam implantar pacificamente para melhorar as condições de vida, com as inspirações revolucionárias, em particular o anarquismo e o bolchevismo, que a classe laboriosa do estado não precisava se espelhar, pois segundo o jornal *A União*, os trabalhadores não tinham razão para ações violentas.

A possível explicação para o tom da reportagem e o discurso dos oradores foi que em 08 de janeiro de 1920, estourou-se a greve dos ferroviários da Great Western,

²¹ RUBIM, 1983, p. 14.

²² FIGUEIRÊDO, 2011, p. 75.

²³ **A IMPRENSA**, 28 de abril de 1918.

²⁴ **A União**, João Pessoa, 30 de abril de 1919. Apud: FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. op. cit., p. 77.

²⁵ **A União**, João Pessoa, 01 de maio de 1919. Apud: FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. op. cit., p. 77.

²⁶ **A União**, João Pessoa, 05 de maio de 1920. Apud: FIGUEIRÊDO. Márcio Tiago Aprígio de. op. cit., p. 78.

que se estendeu até o dia 28 de março, a greve terminou com um acordo entre a companhia e os grevistas, onde um dos oradores do comício ocorrido na noite do mesmo dia foi Antonio Botto, que falou em nome da Sociedade de Artistas Operários Mecânicos e Liberais²⁷, a respeito do fim da parede. Ressalta-se que a greve recebeu apoio do governo paraibano, Assembleia Legislativa e Associação Comercial, e que o governo achou a causa justa, enquanto estivesse dentro da ordem, razão e direito dos empregados da companhia²⁸. Por isso, o jornal *A União* publicou na primeira página do dia 1º de maio que o operariado paraibano deveria celebrar a data, sem esquecer nos meses que a antecederam, pois a sua lembrança indicava que a classe operária com o auxílio do governo, dentro da ordem, da lei e da justiça, via alcançando direitos na sociedade paraibana.

Na Paraíba, ao longo da década de 1910 as comemorações do Primeiro de Maio tiveram como característica as práticas discursiva de aproximação do governo do estado com a classe operária. A conformação das ações do Estado era de valorização dos operários a partir do principal rito internacional da classe, na intenção de exercer o controle social por meio da apropriação do significado da data-símbolo da luta por dias melhores e da exposição de ideias publicamente de que a classe operária teria como aliado para a conquista de direitos sociais o presidente do estado, onde se buscava essencialmente uma harmonia de classes.

O convite constante ao Estado realizado pela Sociedade de Artistas, Operário Mecânico e Liberais para participar das programações do Primeiro de Maio e o discurso de afirmação do governo de apoio à classe operária em todos os anos festejados, nos permite indicar uma colaboração e conciliação entre as classes promovida no dia da “festa do trabalho” por ambas as forças. A preocupação do poder público em (re)significar a data-símbolo demonstra o risco em potencial da classe operária paraibana.

REFERÊNCIAS

FONTE PRIMÁRIA

Jornal **A Imprensa**, Paraíba 1913-1920. Disponível no Centro Cultural São Francisco (localizado no centro histórico de João Pessoa-PB), no Arquivo Eclesiástico da Paraíba.

Jornal **O Norte**, Paraíba 1913. Disponível no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), localizado na rua Barão do Abiaí, 64, Centro, João Pessoa-PB.

BIBLIOGRÁFICAS

ARÊAS. Luciana Barbosa. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). **Revista História Social**. Nº 4/5. São Paulo, 1997-1998. p. 9-28.

²⁷ A sociedade participou das manifestações de 1920.

²⁸ RUBIM, 1983, p. 27-32.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Nós, filhos da Revolução Francesa”, a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX. **Revista Brasileira de História**. V.10, Nº 20, p. 233-249. São Paulo, 1991.

BILHÃO, Isabel. Dia do trabalho ou do trabalhador? Disputas e transformações do Primeiro de Maio ao longo dos anos 1920. In: **I Seminário Internacional Mundos do Trabalho: Histórias do Trabalho no Sul Global**, 2010, Florianópolis.

DEL ROIO, José Luiz. **A história de um dia 1º de Maio**. São Paulo: Ícone, 1998.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **A maldição do Trabalho**. João Pessoa: Editora Manufatura, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do trabalho: Novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: 6.ed. Paz e Terra, 1997.

LINS, Lindercy Francisco Tomé de Souza. **Um dia, muitas Histórias... Trajetória e concepções do Primeiro de Maio em Fortaleza da Primeira República ao Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Origens do 1º de Maio no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1981.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Movimentos Sociais e Meio de Comunicação: Paraíba 1917-1921. João Pessoa, Texto **UFPB/NDIHR**, nº 3, 1983.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1987.